

digital

# DA IGUALDADE DE OPORTUNIDADES À EQUIDADE EDUCATIVA

CAMINHOS DE UMA  
INCLUSÃO SUCEDIDA

CRISTINA PALMEIRÃO · JOSÉ MATIAS ALVES

[coordenação]





*DA IGUALDADE DE OPORTUNIDADES À EQUIDADE EDUCATIVA*

*Caminhos de uma inclusão sucedida.*

CRISTINA PALMEIRÃO E JOSÉ MATIAS ALVES

© Universidade Católica Editora . Porto  
Rua Diogo Botelho, 1327 | 4169-005 Porto | Portugal  
+ 351 22 6196200 | uce@porto.ucp.pt  
www.porto.ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt

*Coleção* · e-book  
*Coordenação gráfica da coleção* · Olinda Martins  
*Capa* · Olinda Martins  
*Revisão de texto* · Cristina Palmeirão

Data da edição · novembro de 2019  
Tipografia da capa · Prelo Slab / Prelo  
ISBN · 978-989-8835-78-9



**CATÓLICA**  
CEDH · CENTRO DE ESTUDOS  
EM DESENVOLVIMENTO HUMANO

PORTO



**CATÓLICA**  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
E PSICOLOGIA

PORTO

**FCT**

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

**SAME**  
SERVIÇO DE APOIO À MELHORIA DA EDUCAÇÃO

<i>Prefácio</i>	· 04 ·
<i>Saindo das lógicas labirínticas. O livro do desassossego e da esperança</i> José Matias Alves e Cristina Palmeirão	
<i>A diversidade cultural na escola de massas: abordagens à educação multi/intercultural</i>	· 13 ·
João Formosinho	
<i>Escuelas del mañana para una educación de hoy</i>	· 29 ·
Alfredo Hernando Calvo	
<i>Comunidades de Aprendizagem. Lá chegaremos...</i>	· 38 ·
Manuela Gama	
<i>Porto Além-Fronteiras. Uma experiência de Flexibilidade Contextualizada</i>	· 47 ·
Cláudia Pinto, Mariana Mota e Francisco Freire Soares	
<i>O sonho da Igualdade só cresce no terreno do respeito pelas diferenças</i>	· 67 ·
Luísa Orvalho, Maria Joana Veiga Dias Portal e Maria José Lobato	
<i>Quatro enigmas. Uma viagem. As Letras, os Números e a Imaginação de Professores e Alunos</i>	· 77 ·
Anabela Alves, Sandra Morais e João Paulo de Almeida Santana	
<i>No trilho da equidade - uma história de vida de inclusão socioeducativa</i>	· 84 ·
Evangelina Bonifácio e Cristiana Madureira	

## Prefácio

# SAINDO DAS LÓGICAS LABIRÍNTICAS O LIVRO DO DESASSOSSEGO E DA ESPERANÇA

**José Matias Alves<sup>1</sup>. Cristina Palmeirão<sup>2</sup>**

Tudo é diferente de nós e por isso é que tudo existe.

(Fernando Pessoa)

Seja-nos permitido começar este texto com uma prece que traduz muitas das esperanças que estão inscritas neste livro:

Senhor, dai-nos a luz que ilumine a memória para melhor acendermos o presente. Dai-nos a humildade de reconhecermos os limites e os erros. A lucidez para não confundirmos os meios com os fins, o acessório com o essencial.

Dai-nos alento para ousarmos sair dos círculos viciosos das aparências e do faz-de-conta, a inteligência e a disponibilidade para escutar e para agir.

Dai-nos a determinação para resgatar as nossas crianças e adolescentes do peso da alienação, para “atenuar as consequências vitalícias do veredicto escolar” que arruína a vida de muitos jovens; dai-nos a coragem de multiplicar as oportunidades de sucesso, combatendo a “visão monista da inteligência”, a hierarquia escolar e a insularização dos saberes.

Dai-nos a ousadia para instaurar “novas formas de competição entre as comunidades escolares associando professores e alunos em projetos comuns de modo a suscitar a emulação e, através dela, uma incitação ao esforço, à disciplina produtiva” e à democratização do sucesso; dai-nos o crivo que separa o trigo do joio e a luz que ilumine

---

<sup>1</sup> Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano, Faculdade de Educação e Psicologia, Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal [jalves@porto.ucp.pt](mailto:jalves@porto.ucp.pt), [cpalmeirao@porto.ucp.pt](mailto:cpalmeirao@porto.ucp.pt) –

<sup>2</sup> Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano, Faculdade de Educação e Psicologia, Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal. [cpalmeirao@porto.ucp.pt](mailto:cpalmeirao@porto.ucp.pt)

e reconheça o esforço, a dedicação e a entrega de todos aqueles que amam e educam as nossas crianças.

Dai-nos a coragem para seguir uma linha de rumo que favoreça a construção de uma escola mais feliz e fraterna, mais solidária e mais livre e que não se deixe aprisionar pelo íman dos interesses, pela conspiração dos silêncios, pelo jogo das manipulações e pelos consensos fáceis e estéreis.

Dai-nos o alento para “romper com a rotina”, para “reduzir o fosso entre o fim da escolaridade e a entrada na vida activa”, para destruir o modo perverso do (não) ingresso no ensino superior, que aniquila tantas expectativas e esperanças legítimas.

Dai-nos um poder que esteja ao serviço da realização das pessoas, a confiança na liberdade da ação dos homens e das mulheres livres e responsáveis e a tolerância para o que é diferente de nós e para com o erro.

Libertai-nos da tentação da uniformidade, do peso regulamentador das normas, do excesso de disciplina, da atração do domínio, do reinado do triunfo e da arrogância da *doxa*. E livrai-nos também dos discursos “cheios de boas intenções”, que gerem as (des)ilusões pedagógicas.

Senhor, dai-nos a força, o ânimo e a sabedoria para descobrir os “responsáveis capazes de mobilizar as imensas reservas de inteligência, de imaginação e de dedicação ainda mal utilizadas”, para “vencer as incontáveis resistências” e para “desmascarar as astúcias do formalismo igualitarista”.

Dai-nos, enfim, a capacidade de indignação e de revolta e o desassossego radical face à injustiça, à exclusão educativa e à precariedade dos vínculos sociais. E não nos deixeis cair na tentação do rebanho, na mediocridade da indiferença e na ilusão das aparências.

Ámen.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Texto original de José Matias Alves. As passagens assinaladas com aspas pertencem a Pierre Bourdieu, Collège de France (1987)

## Um livro mosaico

Este é um livro que procura ir além do formalismo das igualdades de oportunidades: da igualdade de oportunidades de acesso à escolarização, da igualdade de oportunidades de sucesso escolar e educativo, da igualdade de oportunidades de acesso ao ensino superior, da igualdade de oportunidades no usufruto dos bens educacionais, da igualdade de oportunidades de acesso ao mundo do trabalho.

A escola está ainda longe de cumprir este desiderato normativo, ético e sociomoral da igualdade de oportunidades. Mesmo no mais básico – a igualdade de oportunidades de acesso para todos os cidadãos – a escola não cumpre este desiderato. Em larga medida, a escola está ainda organizada para produzir o insucesso educativo como denunciou João Formosinho em texto antológico de 1988<sup>4</sup>. As escolas e os contextos são diferentes e desiguais e muitas vezes as práticas de escolarização contribuem para consagrar e reforçar as desigualdades pessoais e sociais. A ilusão meritocrática que acredita que sucesso é o resultado do QI+QE+Esforço e trabalho individual não passa de uma ilusão para legitimar a seleção escolar e a estratificação social. Basta ver um indicador simples (e simplista): as taxas de sucesso académico dos alunos nos exames do ensino secundário demonstram que há três países no mesmo país: o país do litoral, do interior e das regiões autónomas. Os resultados obtidos pelas pessoas (os alunos) destas 3 zonas geográficas não revelam menos inteligência, menos mérito. São as consequências das desigualdades estruturais, culturais, organizacionais, profissionais em que são obrigados a viver. E neste contexto vale bem a pena citar Luigino Bruni (2016):

A armadilha que se esconde dentro da ideologia meritocrática é, portanto, subtil e, geralmente, invisível. As empresas [e as escolas] conseguem apresentar-se como lugares capazes de remunerar o mérito porque reduzem a pluralidade dos méritos apenas aos funcionais para os seus objetivos: um artista que trabalha numa cadeia de montagem não é meritório pela sua mão que sabe pintar, mas pela que sabe apertar parafusos. O mérito da economia é [e da escolarização], portanto, fácil de premiar, porque é um mérito/demérito simples, muito simples de ver e, portanto, de medir e

---

<sup>4</sup> Formosinho, J. (1988). Organizar a escola para o sucesso escolar. *Medidas que promovam o sucesso educativo*. Lisboa: GEP/ME. É certo, contudo, que tem havido, aos vários níveis do sistema, medidas que têm contribuído para alterar esta tese de que escola está, institucional e organizacionalmente, estruturada para servir as elites e produzir largo insucesso.

premiar. Os outros méritos, em sectores não económicos, são, por seu lado, mais difíceis de ver e ainda mais de medir. Eis, então, que se revela um grande risco: dada a sua fácil mensurabilidade, o mérito, nas empresas [e nas escolas], torna-se o único mérito ‘visto’, medido e premiado em toda a sociedade. Com dois efeitos: incentivam-se muito os méritos quantitativos e mensuráveis, e atrofiam-se os qualitativos e não produtivos. E aumenta a destruição das virtudes não económicas, mas essenciais para se viver bem (mansidão, compaixão, misericórdia, humildade...).

A grande operação do humanismo cristão foi a libertação da cultura retributiva que dominava o mundo antigo e da culpabilização das derrotas. Não nos devemos resignar à sua liquidação pelo prato de lentilhas do mérito. Nós valemos muito mais.

Uma escolarização preocupada com a promoção da equidade tem pois de encontrar outros dispositivos *não económicos* para reconhecer, distinguir, *premiar* as pessoas dos alunos.

E quanto à igualdade de sucesso, usufruto dos bens educacionais, de acesso ao ensino superior e ao mundo do trabalho a miragem é muito mais acentuada. Acresce, ainda, que o conceito de igualdade não pode deixar se ser problematizado. De facto, o sistema educativo estruturou-se no mito de que dar o mesmo a todos no mesmo espaço e tempo era cumprir um ideal democrático. Mas, como mostra o texto de João Formosinho, a ilusão da *escola única e unificada*, a ilusão do *currículo único pronto a vestir* só veio agravar os dispositivos de seleção e de exclusão. Também por isso se tenha evoluído para a conceptualização do ensino diferenciado e personalizado que não pode ignorar as pessoas concretas que precisam de respostas pessoalizadas e adequadas às suas necessidades de aprendizagem. E se tenha chegado ao conceito da equidade: uma escola que quer promover e garantir (o máximo que lhe for possível) a equidade tem de investir radicalmente em dispositivos de flexibilização curricular, organizacional, pedagógica para poder responder à diversidade cultural, social, pessoal e assim ser o mais justa possível. E esta promoção de uma escola mais equitativa teria também de abdicar do efeito do *diploma e do veredito escolar*, há muito tempo denunciado por Pierre Bourdieu (1987):

A selecção pelo diploma só é prejudicial na medida em que ela continua a exercer os seus efeitos muito para além da sua finalidade, no decurso da totalidade de uma carreira, ao sacrificar injustamente a avaliação real do trabalho realizado aos interesses corporativos e a uma defesa mal entendida dos assalariados. Seria necessário desenvolver esforços no sentido de transformar regulamentos e mentalidades de maneira que, conservando embora a sua função de garantia básica contra o arbitrário, os títulos escolares fossem tomados em conta por um prazo limitado, e nunca de maneira exclusiva, isto é, apenas como uma informação, entre outras.

Para além desta problemática, o texto de Hermano Calvo alerta para a necessidade de termos presentes as finalidades da educação que são requeridas num mundo de incerteza e complexidade: **os 6 C** de Michael Fullan [criatividade, comunicação, crítica (pensamento crítico), cidadania, carácter, colaboração], **os 5 C** do programa de inovação disruptiva dos Jesuítas da Catalunha [pessoas criativas, comprometidas, compassivas, competentes, conscientes], e mesmo o perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória, no caso do sistema educativo português, chamam-nos a atenção para a necessidade de nunca esquecermos as finalidades que deveremos perseguir. Porque tudo o resto [os programas *que é preciso dar e cumprir, os exames, as normas, os regulamentos...*] devem ser sempre instrumentais. E deste modo, prevenimos um dos maiores malefícios (e perversões) da burocracia – o *de confundir os meios com os fins*, ou de forma mais precisa o *de fazer dos meios e dos recursos os fins da ação educativa*.

E os demais textos lembram os labirintos escolares (onde tantas esperanças se perdem), mas também as possibilidades de renovação e reinvenção de práticas educativas. É, pois, um livro da diversidade que é o *sal da terra*.

**Um livro de fundamentação de uma educação multi/intercultural** que enuncia os caminhos de uma escola plural e múltipla e que se inscreva neste mundo e neste tempo, sublinhando o que é preciso aprender para podermos viver uma vida digna e decente. Como refere João Formosinho

a educação multicultural pressupõe o convívio na escola e na classe dos estudantes dos diferentes grupos sociais, étnicos, nacionais, religiosos e das diferentes classes ou origens (urbana, suburbana ou rural). A organização da escola pode ignorar este objectivo, promovê-lo ou impedi-lo.

Sendo relevante ter presente que não é apenas um *locus de reprodução*, podendo também ser um *locus* de criação e de transformação.

**Um livro que narra os pesadelos da escolarização (através) de narrativas de leitura obrigatória e que, apesar de tudo, acredita que poderemos chegar a práticas educativas mais comunitárias e societárias e, por isso, mais inclusivas.**

Como nos mostra Manuela Gama, através de histórias exemplares, é imperativo uma prática sistemática de desconstrução de estereótipos, de confrontação e interpelação das lógicas de *faz de conta*, de combate ao *desânimo aprendido* e ao fatalismo pedagógico. O que implica uma mudança de paradigma sobre o que é (deve ser) a escola e a missão central do professor e uma inscrição nos territórios sociais e culturais. E obviamente uma radical *desaprendizagem* nos modos de ser escola e ser professor. De facto, trazemos a alma vestida de rotinas, de preconceitos, de mitos e ilusões. Precisamos de raspar a tinta com que nos embotaram os sentidos (Alberto Caeiro) para ver a realidade das pessoas que são a escola. Para ouvir e escutar os pedidos silenciosos de muitos alunos que usualmente ficam abandonados de si mesmos no fundo da sala. Para sentir os apelos inauditos e compreender os motivos das recusas e do não querer. Esta aprendizagem pressupõe, como dissemos, uma disponibilidade para desaprender. Nas palavras de Olivier Reboul (1983):

O que é aprender, em todos os domínios, senão “desaprender” alguma coisa, deixar um hábito ou uma certeza no mais íntimo de nós próprios? Aprender é, antes de mais nada, romper com hábitos que se tornaram uma segunda natureza, é “desaprender” a respirar quando se trata de desporto ou de música, é “desaprender” os sons e a sintaxe da sua própria língua quando se pretende aprender outra. E o que é compreender, senão abandonar as pseudocertezas,

afastar os “obstáculos epistemológicos” devidos à tradição e à experiência ingénuas, recusar as verdades primeiras que nunca mais são, segundo Bachelard, que “erros primeiros”? Finalmente, o que é aprender a mudar, a renunciar corajosamente ao conforto e ao conformismo em que uma pessoa estava instalada como em sua casa, para vir a ser, enfim, ela própria. Aprender realmente é sempre “desaprender”, para vencer o que nos paralisa, nos encerra, nos aliena.

**Um livro que narra o MIPSE – Modelo Integrado de Promoção do Sucesso Escolar – desenvolvido sob o patrocínio da FEP e a forma como uma escola delibera ser autora de condições específicas e integradas que respondem às necessidades e expectativas dos alunos.**

Esta vontade e esta determinação de construir modos mais autónomos de construir o currículo, liberta os professores da *prisão sistema* e da clausura de uma solidão existencial e possibilita a configuração de um dispositivo organizacional e pedagógico que se baseia nos princípios da *adequação, diversidade, homogeneidade relativa, formação na ação, flexibilidade, envolvimento, tomada de decisão clínica* (Alves, 2010).

**Um livro que mostra que os sonhos se podem cumprir gerando enigmas, desafios e viagens que aliem o saber ao sabor.**

É também uma história que evidencia *o resultado do trabalho conjunto de professores e alunos* que souberam praticar o currículo fora da ordem canónica e asfixiante e desenvolver *competências relacionadas com as disciplinas de Português, História e Geografia de Portugal, Matemática e Educação Visual* e que estimulou práticas de interação, invenção e criatividade.

**Um livro que afirma a possibilidade de formar cidadãos livres, autónomos, solidários, responsáveis e autores do seu destino.**

Mas que, como vimos, precisa de profissionais e de organizações que pensem, reflitam, aprendam a ajam em favor das pessoas, sobretudo daquelas que mais precisam.

O que este livro, enfim, nos mostra é que preciso (e possível) *minimizar o efeito de estigmatização* (e da exclusão), e que um dos mais eficazes seria

a instauração de novas formas de competição entre comunidades escolares associando professores e alunos em projetos comuns - tal como, no campo desportivo, ela se realiza hoje entre turmas ou entre estabelecimentos - teria como efeito suscitar a emulação e, através desta, uma incitação ao esforço e à disciplina que não teria como contrapartida - ao contrário da competição entre indivíduos (alunos ou professores), a atomização do grupo e a humilhação ou o desânimo de alguns. (Bourdieu, 1987)

Por outro lado, teremos também de nos determinar para ousarmos sair dos labirintos onde muitos esforços e vontades se perdem. Seguindo ainda Bourdieu (1987):

Quer o sistema de ensino, quer a investigação, são vítimas, a todos os níveis, dos efeitos desta divisão hierárquica entre o "puro" e o "aplicado", divisão que se estabelece entre as disciplinas e no seio de cada disciplina e que é, em grande parte, uma forma transformada da hierarquia social entre o "intelectual" e o "manual". Daí resultam duas perversões que importa combater metodicamente por uma ação sobre as instituições e sobre as mentalidades: em primeiro lugar, a tendência para o formalismo que esmaga certos espíritos; em segundo lugar, a desvalorização dos saberes concretos, das manipulações práticas e da inteligência prática que lhes está associada.

Precisamos de ousar esta passagem de um mundo escolar ainda muito marcado pela hipocrisia, pelas aparências, pelos fatalismos de várias cores, por um funcionalismo que nos condena a uma sobrevivência sofrida para um mundo regulado pela dignidade, pela justiça, pela compaixão e pela equidade.

## Referências Bibliográficas

- Alves, J. M. (2010). O Projecto Fénix e as condições de sucesso. In J. Azevedo & J. M. Alves (Org.), *Projecto Fénix – Mais Sucesso para todos. Memórias e dinâmicas de construção do sucesso escolar*. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, pp. 37-66.
- Bruni. L. (2016). Os elementares refugos do mérito. *Avvenire*, 31 de Janeiro de 2016, disponível <http://edc-online.org/br/header-pubblicazioni/archivio-documenti/luigino-bruni/artigos-portugues/as-perguntas-nuas/3060-2016-01-31-as-perguntas-nuas-13-resistir-a-desvalorizacao-das-perguntas-nao-economicas-os-elementares-refugos-do-merito-lbruniavvenire/file.html>, acesso 17 novembro 2019.
- College de France/Pierre Bourdieu. 1987), «Propostas para o ensino do futuro» [1985], trad., in. *Cadernos de Ciências Sociais*, n.º 5, pp. 101-120.
- Formosinho, J. (1988). Organizar a escola para o sucesso escolar. *Medidas que promovam o sucesso educativo*. Lisboa: GEP/ME.
- Reboul, O. (1983). *O que é aprender*. Coimbra: Almedina.



CATÓLICA

CEDH - CENTRO DE ESTUDOS  
EM DESENVOLVIMENTO HUMANO

---

PORTO



CATÓLICA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
E PSICOLOGIA

---

PORTO

**FCT**

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

**SAME**

SERVIÇO DE APOIO À MELHORIA DA EDUCAÇÃO

[www.uceditora.ucp.pt](http://www.uceditora.ucp.pt)